DISCURSO DE POSSE

(João Alfredo de Sousa Montenegro)

Compareço sensibilizado a esta tribuna, frequentada por conspícuos vultos da cultura cearense, e logo me vêm à mente luminosas imagens, vozes altaneiras, o perfil vigoroso de personalidades ilustres que suscitam a certeza da imortalidade. Personalidades dotadas do **vigor ingenii** expressado por Ovídio como força, vivacidade de espírito, energia extraordinária, e que imprimiram na pedra do sacrifício o livro de uma sabedoria que é sorvida por quantos sintonizam com a mensagem de grandeza que veiculam.

Criatividade e desprendimento, oferecendo forte combinação, trabalham o exemplo fecundo, o modelo dignificante. E de tal forma que a biografia é priorizada, deixando para trás os estruturalismos que apagam a chama humana, substituindo-a pelo anonimato dos processos e pelo mecanismo dos determinismos impositivos. Então, a biografia opera a ressurreição do papel criativo do homem, tanto mais quanto se afasta dos positivismos contemporâneos e acolhe a sabedoria, como orientadora da ação voltada para a reconstrução social baseada em vigoroso compromisso ético, em que, na verdade, a sabedoria é preservada, não se deixando descaracterizar-se pela complexa crise dos dias atuais, cujo trabalho deletério prossegue, despojando o homem dos seus mais elevados valores, arrastando-o pela senda da mediocridade.

Sensível às coisas do espírito, primordialmente vocacionado para a pesquisa histórica, ainda guardo comigo a lembrança viva do meu tio José Bonifácio de Sousa, historiador primoroso e então membro efetivo deste sodalício, que pautava as suas ações, os seus escritos, pela seriedade, pelo rigor do método. A ponto de não escrever obras alen-

tadas, tal a meticulosidade do seu trabalho demorando-se demasiado nas fases da pesquisa e de elaboração definitiva dos temas. O que assegurava, porém, a certeza e a veracidade de suas conclusões. Ainda muito jovem, comecei a absorver a irradiação de seu exemplo fecundo, mantendo com ele conversação freqüente e em torno de aspectos importantes da historiografia brasileira, mais detidamente da historiografia cearense, dele bebendo ensinamentos primorosos, orientação segura, que continuaram durante o período em que freqüentei o curso de História e de Geografia (então ambas davam a extensão inusitada do curso) no qual, tendo por colegas e presidente desta Casa, Prof. Geraldo Nobre, o professor Osmírio Barreto, diretor do Museu Histórico do Ceará e outros nomes ilustres, obtive o diploma de bacharel em 1952 e o de licenciado em 1953. Antes, durante o período em que estudei no Colégio Castelo Branco, fazendo todo o primeiro e o segundo graus, fui presenteado durante alguns anos com o ensinamento do Prof. José Teixeira de Freitas, também sócio desta Casa, e que dava aulas magistrais de História da Civilização, proporcionando base efetiva para o curso superior. E aí de novo era recompensado pela sua nítida presença, ajudando-me a sedimentar conhecimentos. Sem o que dificuldades quase intransponíveis encontraria para executar as minhas tarefas de professor do Curso de História da então Faculdade Católica de Filosofia e para cumprir tarefas de pesquisa.

Senhoras e Senhores,

Continuo voltado para o cabedal de pessoas ilustres deste sodalício. Ocorre-me agora a figura amiga de Maria da Conceição Souza, falecida recentemente, deixando vaga a cadeira nº 27 desta instituição e na qual hoje sou empossado. A sua memória perdura e perdurará muito viva entre nós, entre todos quantos tiveram acesso aos seus dotes de espírito, à incomensurável bondade que dela se irradiava, envolvendo-nos de imediato. Não há exagero na afirmação sempre ouvida e proclamada da sua imensa capacidade de doação, fazendo do serviço o paradigma de sua personalidade.

Nasceu ela em Fortaleza, filha de Cândido Procópio de Sousa, oficial da Força Policial do Ceará, e de Maria Luisa de Sousa, professora pública que me alfabetizou no então Grupo Escolar Santos Dumont, hoje Clóvis Beviláqua. Obteve o diploma de professora na Escola Normal do Ceará em 11 de fevereiro de 1933, passando a exercer de logo o magistério primário, através de Concurso, no Patronato de Nossa Senhora Auxiliadora, desta capital. Esteve, entre 1933 e 1939,

ocupando funções no Departamento de Educação.

No discurso de saudação a Maria da Conceição Sousa, feito pelo historiador Raimundo Girão, quando de sua posse no Instituto do Ceará, lê-se:

"De várias comissões técnicas de caráter educacional participou, decisivamente concorrendo para a criação da Associação das Bibliotecas do Ceará (ABC), de que foi o primeiro presidente, e de 1959 a 1970 dirigiu com a desejada ordem e eficiência a Biblioteca Central da Universidade Federal do Ceará, por ela implantada. A esta universidade emprestou os seus valimentos e sua dedicação em muitas comissões para as quais era designada. E é de salientar, com a melhor ênfase, ter sido ela a pioneira dos estudos biblioteconômicos no Ceará, com atuação efetiva e completa na organização das demais bibliotecas da UFC, bem como a da Biblioteca Teixeira de Freitas da Fundação IBGE, da Biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), da Biblioteca da Escola Normal e das Bibliotecas Particulares de Perboyre e Silva, Dolor Barreira, Raimundo Girão, Cláudio Martins, Casa de Juvenal Galeno e Colégio Militar do Ceará" (RIC. t. XCVI, 1982, págs. 303 e 304).

Imprimiu Conceição especial relevo ao curso de Biblioteconomia da UFC, estrutrando-o segundo princípios e técnicas que nada ficavam a dever a outros cursos do ramo nos centros mais adiantados do país. Com esse desiderato fez várias viagens ao Sul, onde estabeleceu e firmou contactos importantes, sempre em prol de uma causa até então descurada entre nós, com sólidos benefícios para a cultura cearense. Nesse sentido, emprestou colaboração inestimável às gestões de vários reitores da UFC, a começar da primeira, a do Prof. Martins Filho. Mas as suas atividades não ficam aí. Também deu a sua presença a alguns órgãos do Ceará, destacando-se a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará. Neste acumulava a condição de sócio e de assessora junto à biblioteca do mesmo Instituto, aperfeiçoando-a consideravelmente. Naquela assistia à biblioteca e cumpria tarefas administrativas, própria de alguém que não costumava restringir o seu raio de ação; antes o alargava, doando-se de corpo e alma aos intelectuais e estudantes que ali compareciam em busca de orientação, de ajuda para pesquisas, algumas das quais resultaram em livros preciosos sobre a realidade cearense. Tornou-se proverbial a inestimável cooperação que deu nesse sentido. Para todos tinha a palavra do incentivo, que não se limitava aos temas em estudo. Acrescentava logo a amizade. E que amizade! A amizade que aquece o coração, fazendo eclodir a intimidade respeitosa, que deixava o pesquisador muito à vonta-

de, e certo de sempre ali retornar, ainda que já concluída a pesquisa. Conceição, como ficou de praxe nomeá-la, trazia a ternura que jamais se dissocia da Razão, possuindo o dom paradigmático da sabedoria. É uma ternura que, não poucas vezes, rebentava em lágrimas. Era uma emotiva. Mas cônscia de suas responsabilidades, não extrapolando os limites de uma dignidade que soube manter por toda a vida. A Razão estava a segurá-la no cotidiano, embora a custo, em momentos de intensa perplexidade, quando molestada por quem não esperava, ou ferida agudamente na sensibilidade. Reservava Conceição para os amigos, entre os quais tive a ventura de ser incluído, especial ternura e dedicação, sendo daquelas pessoas que cultivam com ânimo superior a amizade, arrogando-se o direito de falar-lhes francamente, sem rodeios, como do seu temperamento. E, na verdade, tinha muito a nos dizer. Bem entrosada com o mundo cultural, dispondo-se sempre a aprofundar os contactos com os escritores, com os associados dos diversos órgãos de ciência e de letras, o Instituto do Ceará, a Academia de Letras, etc., movendo-se desembaraçadamente aí, como se estivesse em casa, estabeleceu elevado colóquio com representantes daquele mundo cultural, com eles tratando de eventos maiores ou menores que os envolviam direta ou indiretamente. Deles arrancava com ternura depoimentos sinceros, plenos de humanismo, através dos quais era reconstituída uma **via crucis**, uma história pessoal. E com o único fito de auxiliá-los, usando a palavra certa para a hora certa. Buscava sobretudo minimizar o sofrimento dos intelectuais que eram assíduos à sua mesa de trabalho, sofrimento causado por dissidências às vezes graves entre os que conviviam na mesma instituição, ou por dificuldades na área de pesquisa, na qual escasseiam os estímulos. Então, sempre usava uma palavra de incentivo, apontando fontes, com as quais mantinha intimidade, sendo impressionante o acervo bibliográfico que levantava. Ou falava do terceiro que retinha dados importantes, informações preciosas acerca da temática em exploração.

Pois era impressionante a facilidade com que fazia amizades, resultando num largo e proveitoso conhecimento de pessoas que circulavam no universo acadêmico do Ceará.

Dessa forma, em proveitosas conversas, ia reunindo, como de fato reuniu, um grande somatório de informações, que zelosamente repassava para os pesquisadores que se encontravam em redor de sua mesa de trabalho. E, praticamente, girando em torno da terra estremecida, o sofrido Ceará. E como amou o berço natal, a ponto de viver em função dos homens e das coisas que o engrandeciam, que o reconsti-

tuíam na sua perene dor, no sacrifício cotidiano de seus filhos, pobres e desassistidos. Era ela um repertório vivo da história contemporânea do Ceará, desde o começo do século até os dias atuais. Conhecia como poucos a formação e crescimento das famílias antigas do Estado, retratando aspectos singulares que muito caracterizavam. Conhecimento que se estendia aos fatos pitorescos e íntimos, satisfazendo a curiosidade dos que a ouviam amiúde. Fortaleza, a cidade amada, constituía objeto quase constante de suas conversas amigas, recompondo situações inusitadas, costumes arraigados, atitudes de graduados, de administradores, de sacerdortes, que marcavam uma época. Quantas coisas dessa história não se perdeu, por comodismo ou por descuido dos pesquisadores atentos à sua palavra, à uma missão que executava sem que os seus amigos tomassem clara consicência. Como fazia falta naquelas reuniões um gravador, registrando por assim dizer vivo documentário da sociedade fortalezense. Documentário precioso e que hoje faz falta, não obstante o que se pesquisou e se escreveu sobre a capital cearense. Este o meio que utilizava para reverenciar a terra querida, ao lado de sua atividade profissional propiramente dita. Porquanto sabia aliar a missão à profissão, fortalecendo esta e elevando-a ao nível de um ideal superior, aberto às pessoas, à convivência humana, ao trato com uma elite desnudada pelo verbo oportuno, pela empatia que a fazia aproximar-se mais e mais dela. Rara oportunidade me legou a vida: a de haver sido amigo dileto de Conceição, o que me era altamente gratificante. Usufruia as mãos cheias tudo que se irradiava de sua personalidade de escol. Ninguém como ela deixava projetar uma aura de disponibilidade, engrandecendo-a. Começava por receber a todos com o sorriso no rosto, como se transfigurando, o que quebrava de imediato qualquer diferença existente entre ela e as pessoas. Ao procurá-la, sequioso de dados para as minhas pesquisas, acolhia-me de braços abertos, efusivamente, colocando-se logo à minha inteira disposição. E não se limitava silenciosamente a executar a sua tarefa. Indagava algumas vezes dos rumos da investigação que desenvolvia, das suas especificidades, até chegar aos pontos que desejava, abrindo-me pistas por onde caminhava pressunçoso, seguro de que por ali alcançaria o alvo que tinha em mente. E o fazia através do prolongado contacto com as fontes, levando-me a, sem dificuldades, assenhorear-me do assunto, dissecando-o. Mais: costumava absorver as tribulações, as frustrações que cercavam o pesquisador, diante da absoluta impossibilidade de ter acesso a esta ou àquela fonte. Como também sabia compartilhar da alegria do mesmo pesquisador em face da descoberta do material raro. Com esse objetivo, em-

preendia investigações até achar o que queria, logo arranjando para o "afilhado" o próprio material, ou, se não fosse possível, providenciava cópias, obediente ao seu dom de servir. Porque, na realidade, cada pesquisador que requeria a sua prestimosidade, logo caía sob a sua proteção, e ficava certo de que não sairia dali de mãos abanando. Pelo menos, uma orientação levaria. Conceição não foi apenas uma bibliotecônoma, mas também uma proficiente pesquisadora. Produziu trabalhos admiráveis de levantamento e de sistematização de fontes, de eventos significativos, entregando-os de pronto a escritores de nomeada, que se restringiam praticamente ao esforço da redação. Cite-se, nesse caso, a obra portentosa de Dolor Barreira, "História da Literatura Cearense", em 4 grossos volumes, a qual reúne o que há de mais representativo no campo do romance, do conto, do ensaio e da poesia nas letras Alencarinas. Pode-se dizer, sem medo de errar, que não fora Conceição, aquela obra não teria sequer começado. Há outra que merece os maiores encômios. Refiro-me ao **Índice Temático Anotado da Revista do Instituto do Ceará.** Trabalho exaustivo de levantamento de fontes históricas, ali nomeadas. Trata-se de uma investigação de alto nível, à qual o historiador José Honório Rodrigues daria admirável interpretação. Constitui-se fonte absolutamente indispensável para quem quiser pesquisar naquela revista, encontrando não somente referências simples ao material colhido, mas também magníficos comentários em torno de artigos assinados principalmente por sócios do Instituto do Ceará. Merece também destaque o **Índice Temático Anotado da Revista do Instituto do Ceará,** em que a autora expendeu o aprofundamento da técnica bibliográfica, resultando num excelente guia para o historiador. Caracteriza-se pelo levantamento puro e simples das fontes, mas com aguda e precisa distribuição dos dados, facilitando por demais a pesquisa histórica. Da autoria de Conceição há ainda, afora outros trabalhos, **Autor Cearense. Índice de bibliografias.** Como o título já o indica, vale também pelo que orienta na busca de elementos, de material, sobre a vida de 973 cearenses ilustres em várias áreas do saber, não se restringindo à história. Nessas condições, ao se tentar escrever sobre o Ceará forçosamente há de se recorrer à obra preciosa de Maria da Conceição de Souza.

Senhoras e Senhores

Agora vem a lume o nome ilustre do historiador Carlos Studart Filho, patrono da Cadeira nº 27 do Instituto do Ceará, a qual assumo neste momento festivo.

Trata-se de legítimo expoente da historiografia cearense, auto de inúmeros ensaios que atestam a poderosa força do seu espírito, todos eles denunciando portentosa erudição, a se derramar sobre vários campos do saber, notadamente a História, a Geografia, a Pré-História, a Etnografia. Deter-me-ei sobretudo na sua produção historiográfica, de excelente quilate.

"Filho do casal Carlos Gordon Guilherme Studart, veio ao mundo no dia 17 de junho de 1893, e faleceu no dia 6 de abril de 1982, com 88 anos", escreve a mesma Maria da Conceição de Souza, ao tomar posse na referida Cadeira nº 27, a qual prossegue: "À pátria serviu nas fileiras do Exército, onde ingressou, mediante concurso, aos 26 anos, no dia 3 de novembro de 1919, no posto de Segundo Tenente-Médico. Com equilíbrio e honradêz obteve muitas promoções, e reformou-se no posto de General de Divisão, em 1955, com 37 anos de bons serviços... A mocidade estudantil, mormente os estudantes que se destinavam à carreira militar, recebeu os melhores ensinamentos do mestre que ele era, em História, Instrução Moral e Cívica, Geografia Geral e Arqueologia nos Colégios Militares do Ceará e do Rio de Janeiro e na Escola Preparatória de Cadetes, em São Paulo" (RIC. t. XCVI, págs. 312 e 313). Foi professor de Geografia na Escola Normal do Ceará, agora Instituto de Educação do Ceará, e de Arqueologia no Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará.

Doutorou-se em Medicina com a tese "Contribuição para o Estudo do Apêndice Ileo-Cecal no Homem", apresentado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano de 1918. Mas a Medicina não o seduzia, a ponto de fazer dela a sua principal atividade. Consagrou-se efetivamente à pesquisa histórica e afim, deixando à posteridade os seguintes estudos: "O uso dos Metais na América Pré-Histórica" (Folheto, Tip. Minerva, Fortaleza, 1924); "Notas para a História das Fortificações no Ceará" (Folheto de 72 págs., Fortaleza, Ramos e Pouchain, 1937); "História do Ceará Holandês" (Folheto de 40 págs., Fortaleza, Imprensa Oficial, 1954); "Estudos de História Seiscentista (Livro de 198 páginas, Fortaleza, Tip. Minerva, 1958); "Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão e Grão-Pará" (Livro de 360 págs., Rio, Editora Biblioteca do Exército, Rio, 1959); "As Famílias Studart e Pereira" (Livro de 150 págs., São Paulo, 1960); "A Revolução de 1817 no Ceará e outros Estudos" (Fortaleza, Tip. Minerva, 1961, livro de 258 págs.).

Na Revista do Instituto do Ceará publicou número alentado de artigos, o que muito pesou na constatação de que foi um dos historiado-

res cearenses de grande produção intelectual, dominando com aprumo a técnica historiográfica. Destacam-se os seguintes: "Antiguidades indígenas do Ceará" (RIC, t. XLI, 167-221), artigo elogiado por José Honório Rodrigues por sua elaboração e pela documentação que o fundamenta; "A bandeira do Pero Coelho" (RIC, t L, 13-37), também elogiado pelo mesmo José Honório no "Índice anotado da RIC); "O Ceará sob o regime das Capitanias Hereditárias" (RIC, t. LII, 41-56), relato de boa qualidade; "A missão jesuítica da Ibiapaba" (RIC, t. LIX, 5-68); "Notas históricas sobre os indígenas cearenses" (RIC, t. XLV, 53-103); "Páginas inéditas da história colonial: Primitivo comércio marítimo do Ceará" (RIC, t. LI, 309-314); "Vias de Comunicação do Ceará Colonial" (RIC, t. LI, 15-47).

Ao longo de sua obra historiográfica, Carlos Studart Filho distingue-se pelo rigor na apreciação e transmissão dos eventos, culminando na linguagem escorreita, limpa, sem excessos, elegante, com vocabulário rico e expressivo. É o historiador de linhagem clássica, positivista, preocupado com a documentação que dirime qualquer dúvida acerca do objeto da pesquisa. Documentação abundante a que utiliza, servindo-se de fontes seguras, e, com a qual fortalece o seu discurso, tornando-o quase imune às contestações, ao desacordo. Por isso, ele se torna um crítico largamente prestigiado pela comunidade de historiadores, igualmente competentes, retifica inúmeras afirmações de Tristão de Alencar Araripe, e relacionadas com o universo indígena, com a exploração e domínio da terra etc., exibindo profundidade na matéria anotada. E justamente por ser abalisado conhecedor do período colonial, recuando até a pré-história brasileira, sobre ele demorando suas pesquisas e elocubrações. É que, na linha positivista, e em reforço da tese esposada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, valorizava sobretudo o passado, deixando implícito que ele edificava o presente, sendo este um produto daquele. Neste ajuizamento, cumpre ao historiador distanciar-se do presente, recuando até onde possível, até um passado longínquo. Neste aspecto, adotava a mesma posição de Tristão de Alencar Araripe. A diferença entre este último e Carlos Studart Filho está em que não conseguiu aquele desenvolver a exigência rigorosa de uma forte e segura documentação, especialmente por haver operado num período da história do Ceará ainda infirme pela escassez das mesmas fontes, bastando dizer que antecedeu o período já possuidor de abundante documentação sobre o Ceará graças ao trabalho do Barão de Studart em arquivos europeus. Por outro lado, predominava o discurso refinado, rigoroso e mais aprofundado de

Carlos Studart Filho, já em nova fase da historiografia cearense. Esta encontrava, assim, a sua verdadeira identidade, seguindo uma Teoria da História mais organicamente estruturada. "Y se consideró de incumbencia del historiador la **realidad** y no el **valor de hecho**", segundo observação de Benedetto Croce, ao analisar a historiografia do Positivismo. (Teoria e Historia de la Historiografia, Buenos Aires, Ediciones Imán, 1953, p. 234).

Na sua pretensa postura de neutralidade, os escritos históricos não deviam refletir o partido ou a opinião pessoal do historiador, mas uma construção do espírito que guardaria "la integridad de los acontecimientos históricos, la unidad de la narración con el documento, y la inmanencia del desarrollo" (Croce, ibidem, p. 231).

Assim, buscar-se-ia a organicidade dos fatos históricos, colocando-os numa relação de causa e efeito, evitando-se comentários filosóficos ou transcendentais, cingindo-se ao que dizem os documentos, estabelecendo entre ele e os eventos uma integração positiva, objetiva. O processo histórico desenrolar-se-ia em contextos não muito abrangentes, no espaço das histórias nacionais, numa tentativa de superação das histórias universais, que abriam oportunidade para devaneios e justificações filosóficas próprias do Romantismo. A causalidade seria, pois, decorrência de uma história científica, na qual se armaria um sistema em que todos os fatos históricos manteriam relação uns com os outros. As fontes históricas constituir-se-iam fundamentos sólidos, dos quais deduzido tal sistema. Daí o cuidado com que se aconselharia na eleição dessas fontes, partindo-se "del método crítico o histórico, que se dessarrolaba en la sutil y cuidadosa genealogia y análisis de las fuentes, y en la crítica interna de los textos". (Croce, ob. cit., p. 236).

Construia-se, desse modo, um tipo de história que se denominava erudita, autêntica representação das fontes. Começava-se a estreitar a ligação da palavra com o texto, instaurando-se uma prática de repetição, ou quase repetição da narrativa face ao texto documental. Nessa disposição, prevalecia, como já dito, a história nacional, e, ainda assim, após a integração crescente ou progressiva das fontes. De sorte que prosperaria a princípio a história local ou regional, a análise monográfica, até se atingir a história nacional, que delimitaria o espaço da narrativa, aí se exaurindo, sem condições de ir adiante. Eis que a historiografia positivista passava a ultrapassar os limites e o objeto da historiografia do Romantismo, não estabelecendo a antítese entre ambas, "más antes bien la prosecución logica y la exageración de sus presupuestos" (Croce, ob. cit., p. 245). É o que se verifica entre o modelo

historiográfico de Tristão de Alencar Araripe e o adotado por Carlos Studart Filho. O primeiro, sofrendo a carência, a sistemática das fontes, preso a uma teoria da História bastante frágil, tutelada por um quadro de valores insuficientes e de certo modo impróprios; o segundo já se beneficiando do formidável levantamento documental operado pelo Barão de Studart, assistido por uma visão da história mais rica e aprofundada, rigorosamente científica, densa na estrutura narrativa, adornada com um estilo fluente e gracioso, embora um tanto diminuído pelo toque grandiloqüente. Tal significa, com efeito, a superioridade da história positivista sobre a historiografia romântico-liberal, deixando esta completamente recuada no tempo, dela sobrevivendo apenas o que fora retomado e aperfeiçoado pela outra. Da obra historiográfica de Carlos Studart Filho ressaltam, pela sua representatividade, dois estudos, que dão a medida exata de sua grandeza, fazendo sobressair a eficácia de sua concepção da história. São eles "Estudos de História Seiscentista" e "A Revolução de 1817 no Ceará e outros Estudos". Do primeiro destaca-se "O Padre João Álvares da Encarnação – sua vida e sua obra", em que o autor realiza a integração entre valores etnográficos e sociológicos e a filosofia católica, contando com o substrato de uma dinâmica factual, resultando numa perspectiva rica e segura, iluminando a praxis evangelizadora dentro dos quadros do século XVII. Veja-se que esta praxis evangelizadora não se situa aí na estreiteza da Teologia e da Pastoral daquele século, oficializando a linguagem erudita de Roma, do Concílio de Trento. Intercala-a no universo indígena, nas graves limitações da colônia, constituindo-se apreciável contributo à História da Igreja entre nós. Então, o Padre João Álvares da Encarnação é enfocado segundo um modelo de santidade cuja exposição encanta os leitores de Carlos Studart, e perfeitamente integrado no tempo e no espaço. O que se faz possível graças ao esforço do historiador pernambucano Augusto de Lima Filho, pesquisando em arquivos europeus e neles descobrindo a documentação precisa sobre os insígne sacerdote, a partir da qual o historiador cearense logrou produzir o estudo ora comentado. Mas, na verdade, Carlos Studart acrescenta-lhe outra dimensão maior, construindo um pensamento fortemente assinalado por uma linha de espiritualidade que está atenta às nuanças do tempo, às vicissitudes da obra missionária, ao perfil da integração da Igreja na monarquia portuguesa, ao ascetismo então prevalecente. De modo que, na pena do historiador em foco a figura do Padre João Álvares da Encarnação ganha especial relevo, incluindo-se de corpo inteiro num contexto bem urdido em que a Igreja e a monarquia se desenham com muito realismo, sem a perda da beleza do estilo. Com

certeza, enseja a análise em exame uma segura inserção do Ceará no Brasil colonial, esclarecendo pontos controversos e lacunares da história eclesiástica do Ceará.

O estudo da "Revolução de 1817 no Ceará" constitui-se também um dos pontos altos do acervo historiográfico de Carlos Studart Filho. Centrado em espessa documentação, a qual em grande parte reunida da pelo Barão de Studart, o ensaio em objeto adquire significado especial ao se observar que o autor domina os múltiplos aspectos que encerra, praticamente esgotando as fontes de pesquisa que o assistem. Tal a capacidade de exaurir o tema, realizando a perfeita integração daqueles aspectos. E com ela faz luz sobre o período da administração do governador Sampaio, sobre o ideário e a práxis revolucionários, sobre as teses tradicionalistas e absolutistas em voga. O que não quer dizer que o historiador do presente e do futuro não possa acrescentar-lhes novos enfoques, novas exegeses. Pois a compreensão dos fatos históricos se altera com o advento de novos quadros valorativos, permitindo o surgimento de novas perspectivas históricas, especialmente no que se refere ao gênero da historiografia interpretativa, sociologicamente alicerçada e absorvendo a incidência de novas filosofias. Não obstante, perfilhar a postura conservadora, aí se inserindo ou emergindo o Tradicionalismo e o Liberalismo, num mistão ideológico que seduziu os historiadores positivistas, não deixando de anexar ao Tradicionalismo a visão católica oficial, Carlos Studart encara o Liberalismo radical do Ouvidor Carvalho e dos revolucionários de 1817 de maneira natural, apenas recriminando-os quando praticam a real subversão, quando instrumentalizam a anarquia, malferindo os princípios da ordem estabelecida. Neste ponto, o seu conservadorismo espicaça-o, tecendo comentários estribados naqueles princípios. O que não se traduz em estreito partidarismo; antes denuncia uma postura valorativa, ajudando a compor uma interpretação válida a partir de base documental segura. Pena que Carlos Studart Filho não o tenha aprofundado e dinamizado tais posturas valorativas a ponto de efetuar uma exegese mais abrangente do movimento de 17. Isso, porém, não afeta substancialmente o seu perfil de historiador consciente e bem documentado, com extensa visão sobre a realidade histórica e sobre os personagens que nela se movem.

Senhoras e Senhores

Assim, o Ceará se ergueu na consciência dos mestres aqui reverenciados. Louvor a eles.

O exemplo que legaram à posteridade: o de inflamado amor à terra natal, agora retomado por membros valorosos dessa veneranda Casa, há de continuar produzindo frutos opíparos. Principalmente nesta época de crise generalizada, quando mais se sente a carência de uma significativa vivência, aquela franqueada pela consciência histórica, acenando para a via salvadora pavimentada pelo que Unamuno denomia **Tradição eterna.**

Diz ele: "... Si hay un presente **histórico,** es por haber una tradición del presente, porque la tradición es la substância de la história. Esta es la manera de concebirla en vivo, como la sustancia de la historia, como su sedimento, como la revelación de lo intra-histórico, de lo inconsciente en la historia". (En torno al Casticismo, La Tradición eterna, Madrid, editorial Plenitud, s/d, p. 56).

O resgate do presente demanda a percepção do passado, com os olhos da tradição viva, do que está culturalmente sedimentado, como farol que guia a aventura do povo através do social. A crise se avoluma hoje em dia pelo abandono dessa tradição por gerações perdidas no vazio de uma vida sem sentido, cada vez mais anestesiadas por mensagens de extração corporativista e consumista, que reduzem à impotência o que vibra eternamente no âmago da História. Fazer história atenta à tradição eterna é contributo valioso para a administração da crise, em que o regional compõe o verdadeiro ponto de partida para o alcance do nacional, que elevado pela seiva eterna do espírito, se transfigura no universal.

Ao ensejo, agradeço as palavras generosas e amigas do querido amigo Vladir Menezes, que encetou árduo, duro, porém pacífico trabalho em favor de minha candidatura vitoriosa a sócio deste Instituto. Minha gratidão.

Da mesma forma o faço em relação a Mozart Soriano Aderaldo, pela firme liderança com que se houve naquele episódio.

Ao dileto amigo Antônio Paim, valoroso pensador brasileiro que muito me estimulou e continua a estimular-me, animando sempre a impulsionar as minhas pesquisas.

À querida esposa, apoio precioso de todas as horas, filhos, genros, nora e netos, minha mãe, irmãos, companheiros da Academia de Ciências Sociais do Ceará e da Sociedade Cearense de Geografia e deste Instituto, autoridades e quantos aqui compareceram, brindando-me com o seu calor fraterno e amigo, meu afetuoso agradecimento.

Muito Obrigado.